

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
COORDENADORIA DE INTEGRAÇÃO DE
POLÍTICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

SÍLVIA JANDIRA DRAGHI MANOEL

**EDUCAÇÃO SEXUAL COMO FORMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE NA
ADOLESCÊNCIA: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

CURITIBA
2011

SILVIA JANDIRA DRAGHI MANOEL

**EDUCAÇÃO SEXUAL COMO FORMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE NA
ADOLESCÊNCIA: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Monografia apresentada ao Módulo IV – Práticas de Educação em Saúde II como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em saúde para professores do ensino fundamental e médio, Universidade Federal do Paraná, Núcleo de Educação a Distância.

Orientador: Profª Msc. Rosa Helena Silva Souza

CURITIBA
2011

SÍLVIA JANDIRA DRAGHI MANOEL

**EDUCAÇÃO SEXUAL COMO FORMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE NA
ADOLESCÊNCIA: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Msc. Rosa Helena Silva Souza
Universidade Federal do Paraná

Profª Msc. Silvana Regina Rossi Kissula Souza
Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 26 de março de 2011.

Muitas vezes vi alunos chegarem com os olhos esgazeados
de dor, desesperançados, desnorteados...

A eles dedico este trabalho,
para que possam ver a luz no fim do túnel.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é minha luz e me deu forças nessa nova caminhada.

À professora Rosa Helena Silva Souza, tutora a distância, pela paciência, dedicação e preciosos ensinamentos.

À tutora presencial, Camila Garcia Ribeiro e, Marilei Garcia Ribeiro, coordenadora do pólo, que sempre me apoiaram nos momentos mais inusitados.

Aos meus pais que me incentivaram e oraram por mim.

A minha família que tanto colaborou para a realização desse trabalho.

À professora Adriana Benetti Mendes, pelo carinho que me recebeu junto à sua turma.

À Escola Municipal Professora Ana Montanha César, pela colaboração que obtive na aplicação do projeto.

A todos os amigos que estiveram comigo nos momentos difíceis.

Ao Núcleo de Ensino a Distância da UFPR que nos proporcionou esta especialização.

Certas palavras

Certas palavras não podem ser ditas
em qualquer lugar e hora qualquer
Estritamente reservadas
para companheiros de confiança,
devem ser sacralmente pronunciadas
em tom muito especial
lá onde a polícia dos adultos
não adivinha nem alcança.

Entretanto são palavras simples:
definem
partes do corpo, movimentos, atos
do viver que só os grandes se permitem
e a nós é defendido por sentença
dos séculos.

E tudo é proibido. Então, falamos.

Carlos Drummond de Andrade

MANOEL, Sílvia Jandira Draghi, **Educação Sexual como forma de promoção da saúde na Adolescência: proposta de intervenção**. 2010. Monografia (especialização em Saúde para professores do ensino fundamental e médio) – Universidade Federal do Paraná.

RESUMO

A puberdade ou adolescência é uma fase do indivíduo que se caracteriza por transformações de ordem física, psicológica e social. Nesse importante momento de transição é necessário que haja promoção da saúde, tendo a escola e a educação um papel de suma relevância para a prevenção de doenças. Objetivou-se conscientizar os alunos da 4ª série do ensino fundamental sobre as transformações que ocorrem neste período de transição da infância à fase adulta. Trata-se de um projeto de intervenção realizado com 27 alunos de uma escola municipal de Siqueira Campos, estado do Paraná, o qual foi desenvolvido no mês de outubro, durante as aulas de ciências, em quatro etapas. Na primeira etapa foi realizada uma palestra sobre auto-estima e a sua relação com a mídia, com debates sobre o culto à magreza, beleza e sensualidade exacerbada. Na segunda etapa foram abordados temas relacionados à puberdade e às mudanças que ocorrem no corpo. A terceira etapa foi dedicada ao conhecimento do sistema reprodutor masculino e feminino, utilizando-se de um vídeo como estratégia de ensino. Na quarta etapa foram abordados temas relacionados à orientação da saúde sexual, utilizando como recurso técnicas lúdicas com teatro de fantoches. Como resultado, foi possível observar um envolvimento dos alunos no que se refere ao conhecimento do seu próprio corpo, respeitando os sentimentos e os valores na relação com as outras pessoas. Concluiu-se que intervenções como essas precisam fazer parte do currículo escolar e que os gestores deveriam preparar os professores para trabalhar este tema de forma integrada no decorrer do período letivo, capacitando os alunos a se posicionarem diante da vida e filtrarem o que é exposto na mídia, com compromisso ético e considerando seus direitos e deveres de cidadãos.

Palavras-chave. Adolescente. Educação Sexual. Promoção da Saúde.

MANOEL, Silvia Jandira Draghi, **sexual education as a means of promoting health in adolescence: proposal of intervention**. 2010. Monograph (specialization in health for teachers of elementary and middle school) - Federal University of Parana.

ABSTRACT

Puberty or adolescence is a phase of the individual who is characterized by changes of physical, psychological and social. In this important time of transition it is necessary that health promotion, education and the school and a role of utmost relevance for the prevention of diseases. The objective was to educate students in the 4th grade on the changes that occur during this period of transition from childhood to adulthood. This is an intervention project conducted with 27 students in a school hall de Siqueira Campos, state of Parana, which was developed in October, during science classes in four steps. In the first stage was held a lecture on self-esteem and its relationship with the media, with debates about the cult of thinness, beauty and sensuality exacerbated. In the second stage were discussed related to puberty and the changes that occur in the body. The third stage was dedicated to the knowledge of male and female reproductive system, using video as a teaching strategy. In the fourth stage were discussed issues related to sexual health advice, using as a resource play techniques with the puppet. As a result, we observed an involvement of students with regard to knowledge of his own body, respecting the feelings and values in relation to other people. It was concluded that interventions like this need to be part of school curriculum and that managers should prepare teachers to work this issue in an integrated manner throughout the school year, enabling students to take a stance towards life and sift through what is presented in media, with ethical and considering their rights and duties of citizens.

Keywords. Adolescent. Sex Education. Health Promotion.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

DA – Deficiência Auditiva

DM – Deficiência Mental

DST's – Doenças Sexualmente Transmissíveis

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OMS – Organização Mundial da Saúde

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 Conhecimentos básicos sobre sexualidade: introdução das orientações sexuais na escola	13
2.2 Educação sexual: compromisso com a transformação social	14
2.3 Tema transversal: a inclusão oficial da educação sexual nas escolas	15
2.4 Orientação sexual: onde? Como? Por quê?	16
2.5 Informação educativa	18
2.6 Especificidades do desenvolvimento do adolescente	20
2.7 Desenvolvimento biopsicossocial da adolescência	21
2.8 Transformações físicas na adolescência	22
2.9 Transformações psicológicas na adolescência	25
2.10 Transformações filosóficas	27
2.11 Papel da escola na orientação do adolescente	29
3 METODOLOGIA	31
3.1 Local da intervenção.....	31
3.2 Sujeitos da intervenção	31
3.3 Trajetória da intervenção	32
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	34
4.1 Primeiro momento	34
4.2 Segundo momento	35
4.3 Terceiro momento	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase marcada por diversas transformações e descobertas na vida do indivíduo. Essa fase se caracteriza por dois momentos de transição: da infância para a puberdade e da puberdade para a vida adulta, cujas consequências são substanciais transformações de ordem física, psicológica e de comportamento, principalmente ao que se refere às de contexto sexual. Tal tema é de grande importância e deve ser tratado junto aos adolescentes, uma vez que influencia diretamente na promoção de sua saúde.

A Orientação Sexual é proposta dentre os temas transversais, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), os quais indicam, dentre os objetivos do ensino fundamental, que os alunos sejam capazes de conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação a sua saúde e à saúde coletiva.

De acordo com os PCN's, a educação sexual, assim como as outras disciplinas, pode ser ensinada por todos os professores, não precisando ser pelo professor específico da matéria. A intenção é que seja discutida a sexualidade desde a 1ª até a 8ª série, de duas formas dentro da programação (BRASIL, 2008). Assim, o conteúdo de sexualidade proposto é organizado, planejado e dividido entre os professores de cada série. Como “extra programação”, qualquer professor, sem planejamento prévio, aproveita uma situação, um fato que acontece espontaneamente, para, a partir daí, ensinar sobre sexualidade, ou transmitir uma mensagem positiva sobre ela: aproveita, enfim, para educar sexualmente. Os conteúdos a serem trabalhados estão divididos em três blocos: corpo, matriz da sexualidade; relações de gênero; prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/Aids (BRASIL, 2008).

Essa preocupação com a orientação sexual dos adolescentes, exposta pelos PCN's é justificada pelo cenário identificado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (ANUÁRIO ABRIL, 2009), cujas informações dão conta de que 2% do total de infectados com o vírus da imunodeficiência adquirida (HIV) na América Latina são meninos e meninas de 0 a 14 anos de idade. Este fato pode ter ocorrido por transmissão vertical do HIV, quando a criança é infectada pelo vírus durante a gestação, o parto ou por meio da amamentação. Porém, boa parte

das causas de contaminação pode ser justificada pela precocidade das relações sexuais, principalmente, na faixa que vai de 12 a 14 anos. Tal condição acontece, justamente, pela ausência de informação por parte da família e do poder público, representado pela educação e pela saúde pública.

De acordo com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associada.

Assim, deve o professor estar preparado para polemizar, lidar com diferentes valores, tabus, preconceitos, informações sobre as dúvidas levantadas pelos seus alunos, ao invés de simplesmente transmitir conteúdos, uma vez que, se esses conteúdos não forem relacionados às questões vivenciadas no cotidiano, não serão incorporados. Indivíduos e sociedade se beneficiam quando as crianças são capazes de conversar sobre sexualidade com os seus pais e/ou outros adultos confiáveis, sentindo-se mais seguros. Dessa forma, é também papel da escola orientar crianças que recebem ameaças de pessoas próximas ou da família, a não terem medo de pedir auxílio.

Neste contexto, Suplicy et al. (1994) colocam que a sexualidade é algo que se constrói e aprende; parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir da alfabetização ao desempenho escolar. A escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano, dando todo o apoio e informação necessária ao desenvolvimento sexual como: saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetividade, imagem corporal, auto-estima e relações de gênero, enfocando as dimensões psicológicas, fisiológicas, sociológicas e espirituais da sexualidade, através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva e comportamental, incluindo as habilidades para a comunicação eficaz e a tomada responsável de decisões.

Dessa forma a preocupação é a de informar as crianças e os jovens a se prevenirem dos problemas que surgem devido à sexualidade. Entre as questões sociais relacionadas à sexualidade, encontram-se as doenças sexualmente transmissíveis (DST's), a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e a gravidez precoce.

Sem dúvida é preciso trabalhar essa questão como parte dos objetivos do ensino escolar. Reforçando essa idéia, Figueiró (2008) afirma que a escola deve se preocupar com a educação sexual dos alunos porque há necessidade de resolver e controlar os problemas relacionados à sexualidade.

Anos de prática em sala de aula me levaram a refletir acerca desse período de transição entre a infância e a idade adulta e a questionar sobre como poderia auxiliar os alunos a entenderem as mudanças que ocorrem em seu corpo na adolescência e a se prevenirem das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e da gravidez precoce.

Assim, o objetivo geral deste projeto de intervenção foi conscientizar os alunos da 4ª série do ensino fundamental sobre as transformações físicas e psicológicas que ocorrem na adolescência, relacionadas à sexualidade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Conhecimentos básicos sobre sexualidade: introdução das orientações sexuais na escola.

Considera-se que a educação sexual sempre existiu, na sociedade, na família, na escola ou em qualquer outro meio em geral, independentemente de intervenções dos estudos da sexualidade. De acordo com Werebe (2001), pode-se dizer que, no século XIX, nos internatos e com a chegada dos Jesuítas, as crianças e os jovens receberam uma educação sexual negativa, castradora, com todo seu processo de disciplinarização, porém a educação era informal.

Maria José Garcia Werebe (2001, p. 106) ressalta, ainda, que é importante distinguir dois tipos de Educação Sexual:

A educação sexual informal, processo global, não intencional, que engloba toda a ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual, - a educação formal, deliberada, institucionalizada, feito dentro ou fora da escola.

Ademais, segundo o autor, foi em 1930, no Colégio Batista do Rio de Janeiro, que deram iniciativa de incluir Educação Sexual no Currículo, cuja experiência prosseguiu por vários anos, até que, em 1954, o professor responsável foi processado e demitido do cargo. Algumas experiências de Educação Sexual aconteceram em décadas anteriores de 60, em escolas protestantes ou em escolas sem vínculo religioso.

Na década de 60, é importante destacar que a rede pública também serviu de experiência desse tipo e que as mesmas foram desenvolvidas em grande parte do país, principalmente, nos grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Por sua vez, Rosemberg (2005) salienta que cabe à família dar as orientações sexuais, uma vez que, no nosso país, grande parte dos pais é contra as aulas de orientação sexual, mantendo-se, desta forma, a elas relutantes.

Preleciona, outrossim, que na década de 80 foram escritos muitos livros sobre sexualidade, tanto para jovens, crianças e adultos, com o objetivo de

serem refletidos no ambiente escolar. Debates e publicações começaram devido à preocupação com a questão da gravidez precoce e da contaminação pela Aids. Passou a ser uma preocupação por parte dos pais, educadores e da sociedade em geral (ROSEMBERG, 2005).

Neste contexto, Suplicy (2003) afirmou que a orientação sexual na escola tem como objetivo fornecer informações; mexer com os preconceitos, como o machismo e racismo; mexer com os conflitos, angústias, confusões, medos, que são gerados.

Sendo assim, de acordo com as abordagens pedagógicas, está em primeiro plano o desenvolvimento sadio da sexualidade, o bem-estar e a felicidade do indivíduo.

2.2 Educação sexual: compromisso com a transformação social

A Educação Sexual é um meio de transformação social. No início dos anos 80, como visto, esse assunto passou a ser mais discutido no Brasil, período em que começaram as primeiras reflexões e publicações de livros. Para efetivar uma mudança é necessário compreender as normas sexuais da nossa sociedade, e a forma como estão inseridas em nossa estrutura sócio-econômica, política e cultural. É fundamental, de início, procurar entender a história da sexualidade, desde a antiguidade, em todo o mundo ocidental, e a partir daí criar os novos padrões morais, sexuais e culturais.

Pois falar da sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. Este relativismo não pode ser irresponsável. Ele nos permite perceber a construção social da sexualidade sem, contudo fazê-lo de modo destrutivo ou imaturo (NUNES, 2007, p.14).

Dispõe, ainda, que sexo é um fato de questão individual, e é importante trabalhar esse tema com os educandos, e com as informações

científicas, bem como com os aspectos afetivos e psicológicos ajudá-los em sua sexualidade, de modo a contribuir para uma vida saudável e feliz (NUNES, 2007).

2.3 Tema transversal: a inclusão oficial da educação sexual nas escolas

A educação sexual, na contemporaneidade, passou a ser importante para a implementação dessa matéria no ambiente escolar. Foi em meados da década de 90 que surgiu nos PCNs, integrando o conjunto dos temas transversais. A inserção da educação sexual nos PCNs implica a necessidade de estudos como debates, reflexões, pesquisas, sobretudo a respeito da formação do educador.

De acordo com Costa (2003), a educação sexual é mais apropriada para ser estudada nas instituições escolares, onde o educando participa do processo ensino-aprendizagem, em que será um sujeito ativo dos conhecimentos, orientações e informações transmitidas pelo professor que, como mediador, cria condições que favorecem a aprendizagem.

Os PCNs constituem-se num conjunto de documentos onde estão incluídas as propostas curriculares a serem trabalhadas na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A Educação Sexual está incluída nos temas transversais.

Foi a partir de 1998 que algumas escolas começaram a estudar os PCNs. Outras, entretanto, apenas em 1999 e 2000, e até mesmo em 2001, devido ao atraso que algumas regiões tiveram na distribuição dos documentos. Os PCN's distribuem os conteúdos a serem trabalhados nas oito séries, nas matérias de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira. Os temas transversais, por sua vez, englobam a ética, educação ambiental, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo (COSTA, 2003).

Os PCNs, nos seus documentos, trazem textos relativos à sexualidade, mostrando um grande interesse em trabalhar esses conteúdos com as crianças e os jovens, de modo a controlar a gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis. A esse respeito, Figueiró (2000, p.9) dispõe que:

A educação sexual pode ser incluída, então, para atender os critérios que estão no documento dos temas transversais. Penso que o fator

mais decisivo, sem dúvida, a urgência social, o que é totalmente válido e fundamentado. Uma coisa fica clara: se não fossem os problemas que a vivência da sexualidade traz para a sociedade, ela não estaria entrando agora no currículo escolar. Ter sido incluída por esse critério pode interferir no sentido, para o professor, do ensino das questões da sexualidade.

De acordo com as concepções da autora, a questão da sexualidade passou a ser um conteúdo do currículo, cuja preocupação é estar informando as crianças e os jovens, de modo a se prevenirem dos problemas a ela inerentes. Entre as questões sociais relacionadas a sexualidade, encontram-se as DSTs, a AIDS e a gravidez precoce.

Continuando a sua fundamentação, Figueiró (2000) afirma que a educação sexual, ao passo que poderia ser trabalhada com certa leveza, acaba tornando-se um trabalho dificultoso para a escola, frente à necessidade de envolver os aspectos relacionados as DST's e à gravidez. A mola mestra da educação sexual no ambiente escolar deve ser o reconhecimento de que trata-se de um direito inerente à criança e ao adolescente. Trata-se, desta forma, de um grande desafio para os profissionais da área.

O ensino dos temas transversais, observa Figueiró (2000), pelo fato de abranger temas sociais, pode ajudar a caracterizar o processo de dispersão. Permite ao professor a ampliar sua área de conhecimento e envolver-se com projetos variados. O ensino dos temas transversais pode levá-lo a obter mais prazer no ato de ensinar e criar mais vida no trabalho.

2.4 Orientação sexual: onde? Como? Por quê?

A escola está sendo a instituição mais indicada na sociedade e pelas autoridades educacionais a dar orientação sexual. Apesar de algumas barreiras, tais como algumas autoridades que se posicionam contrariamente, tem-se o apoio das áreas governamentais e das próprias iniciativas das Secretarias de Educação. Cunha (2001), Suplicy (2003), são alguns exemplos.

A orientação sexual foi inserida na escola sem uma preparação adequada da comunidade escolar para receber uma nova abordagem de

conhecimentos, fugindo do tradicional. A escola precisa de profissionais qualificados na área, uma vez que era trabalhada somente pelo professor de biologia, que trabalhava com simples definições e conceitos (SUPLICY, 2003).

De acordo com Oliveira (2005), não adiantam programas oficiais de educação sexual sem a participação dos professores. Em primeiro lugar, tem que haver a participação deles e de funcionários da instituição, para então montar os grupos (diretores, professores, técnicos, funcionários), visando a informar e a mostrar o que se pretende fazer. Assim ocorrerá um bom trabalho em comunidade com objetivos de debater a educação sexual com os alunos.

Há muito tempo a escola vem veiculando informações sobre sexualidade nas matérias de ciências e biologia, com o objetivo de levar os alunos a conhecerem a anatomia e a fisiologia do corpo humano. Esse estudo começa sempre na 3ª série do ensino fundamental, em que é apresentado para as crianças. O tema aparece na grade curricular como conteúdo mínimo e obrigatório a ser abordado. E, conforme o aluno vai mudando de série, a informação passa a ser maior, de modo que ao sair do Ensino Médio, domine as informações de sexualidade, ao longo dos anos (AQUINO, 2006).

A preocupação da escola é que os alunos pensam saber tudo, mas, geralmente têm muitas dúvidas. Quando o professor fala sobre esse assunto na classe, surgem muitas piadas e perguntas indiscretas, deixando-o sem ação para responder. Além disso, ele mesmo tem sua própria concepção, convicções e valores sobre a vida sexual, incluindo-se aí a moral e os preconceitos. De acordo com Suplicy (2005), veicular as informações acerca da sexualidade é papel da escola, bem como a transmissão dos fundamentos de democracia e da ética, o respeito mútuo e por si mesmo, além do respeito à pluralidade e diversidade. À família cabe a transmissão dos valores, explicando o que é certo e errado, uma vez que a escola e a educação não têm uma posição definida sobre determinados temas, como o aborto, a virgindade e outros, polêmicos.

É importante salientar que a escola apresenta uma diversidade de pensamentos, em que cada um traz as suas próprias convicções e bases morais, que podem constituir uma proposta nem sempre clara para o aluno, deixando, muitas vezes, dúvidas acerca da educação sexual. Qualquer assunto que ocorra sobre sexualidade na escola tem um valor educativo, mesmo que toda essa informação forme uma diversidade de informações (SUPLICY, 2005).

2.5 Informação educativa

Em tempos de Aids e do aumento da gravidez precoce, e em que os jovens iniciam a sua vida sexual precocemente, aumenta a preocupação dos pais e educadores em dar informações o mais cedo possível, de modo que sejam utilizadas pela vida afora. Muitas escolas conscientes da sua responsabilidade estão procurando colocar em prática a informação sexual cada vez mais cedo, para os jovens terem consciência do que estão fazendo, deixando assim os pais menos preocupados (AQUINO, 2006).

Mesmo com tanta informação sobre o corpo humano e os métodos anticoncepcionais, o índice de natalidade entre jovens de catorze a dezenove anos cresceu nos últimos vinte anos. Cumpre salientar, ainda, a AIDS e as doenças sexualmente transmissíveis. Conquanto não se possa negar a sua importância, a mídia apresenta aspectos bastante desfavoráveis, levando, por exemplo, os jovens a iniciarem a sua vida sexual de modo precoce e promíscuo. Segundo Nunes e Silva, (2009, p. 103):

[...] Uma coisa é considerar o fenômeno da Aids como uma questão de saúde e higiene e outra é fazer dessas causas a forma mais cabal do moralismo, da culpabilização social e do interdito. A questão da liberdade sexual é distinta do medo ou da culpa, ou ainda da conotação moralista. É muito mais uma dimensão educativa, devidamente dignificada e exigente, que o mundo pode por caminhos inversos, descobrir no momento histórico atual.

A partir das idéias do autor infere-se que, devido à liberdade sexual, as pessoas não têm medo de se contaminar, são promíscuas. Portanto, é importante a escola orientar acerca da educação sexual.

Afinal quem é esse adolescente, que precisa ter os conhecimentos necessários a respeito da sexualidade? Primeiro, é uma pessoa que está enfrentando transformações em seu corpo; alguém que está submetido a vários tipos de situações, tanto internas ou externas, do meio em que vive. Assim, uma pessoa que não se esforça para ouvir seus pais ou aqueles com quem convive no seu meio, surgindo assim os conflitos em casa (AQUINO, 2006).

O autor supracitado comenta, ainda, que a prática saudável do sexo supõe a conjunção de vários fatores, tais como o funcionamento do corpo, os

valores sociais, éticos e morais do meio social em que vive. Essas informações são adquiridas nas aulas de biologia, mas sempre na teoria, mostrando a figura de um corpo, nas aulas de ciências. Contudo, esse corpo não vive, não tem história, não deseja, não fala, não sofre, nem vive a angústia de crescer. Assim, o jovem jamais utilizará esses aspectos em sua vida sexual concreta.

Ademais, Aquino (2006), ressalta que o professor de ciências e biologia é sempre considerado aquele que mais reúne condições de atender a questão da sexualidade. Ultimamente, o professor de outra disciplina também tem recebido esse encargo. Isso posto porque o assunto da sexualidade pode surgir em qualquer momento, e se algum aluno fizer alguma pergunta para o professor que não seja específica da matéria, este pode conversar, explicar sobre sexualidade, sem problema algum.

Portanto, é um assunto que envolve todos. É compreensível que quem ensina o aparelho reprodutor e quem trabalha com o corpo humano é o professor de ciências e biologia, mas nada impede outro educador de ter um diálogo sobre esse assunto com seus alunos. Para tanto, é importante a parceria da escola com os pais, fundamental para que os esclarecimentos possam fluir tranquilamente, sem provocar grandes intrigas. Muitas vezes os pais não conseguem ver que os seus filhos cresceram e que querem saber de 'certas coisas'. Assim, a escola pode e deve auxiliá-los nesse assunto, de modo que se abram para o diálogo (SUPLICY, 2005).

Complementa, ainda, Suplicy (2005) que a escola deve entender que cada família tem os seus valores, e esses são transmitidos aos filhos. Esses valores devem ser respeitados pela escola, que, assim, desenvolve o seu trabalho, sem ocupar o lugar da família. Deve ter o papel diferenciado e definido. Mesmo tendo um objetivo a cumprir, ela limita-se a transmitir as informações aos alunos, e auxiliá-los sem intervir nos seus valores.

Seguindo a sua fundamentação, Suplicy (2005) salienta que o aluno pode perguntar, comentar sobre algum fato, mas sem precisar expor sua vida íntima, formulando suas dúvidas e questionamentos, sem colocar sua privacidade em risco. E, assim deve ser o trabalho da escola. Mas que nada impeça os professores, orientadores, pais e alunos de buscarem outros veículos auxiliares, para complementar a informação sobre sexualidade.

2.6 Especificidades do desenvolvimento do adolescente

A palavra “adolescência”, deriva do latim “adolescencia” e refere-se à etapa da vida humana entre a infância e a vida adulta. Inicia-se com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças físicas e psicológicas (BRASIL, 2009). A adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano. Embora o significado da palavra faça alusão a uma fase de transição entre duas etapas, não se pode considerá-la somente sob este prisma, pois é nessa fase que se conclui a maturação biopsicossocial do indivíduo.

Para a Organização Mundial de Saúde (2010), adolescentes são indivíduos de 10 (dez) a 19 (dezenove) anos, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescente a pessoa entre 12 (doze) e 18 (dezoito anos). (BRASIL, 2008)

A adolescência, embora seja um fenômeno universal, adquire características próprias, variando conforme o ambiente sócio-cultural do indivíduo. Os limites da adolescência (início e fim), nem sempre coincidem com a idade legal, pois é necessário observar a capacidade de relação recíproca com a geração precedente, formação de um conjunto de valores próprios, capacidade em assumir e manter compromissos, e o estabelecimento de uma identidade sexual e relações afetivas (RAMOS, apud. BRASIL, 2001).

Para Tíba (2006), a adolescência se compara a um segundo parto. Devido a tantas descobertas e transformações que ocorrem nesta fase, é como se ocorresse um novo nascimento. Descobrir sua essência, a convivência social, e seu lugar no mundo faz com que, muitas vezes, o que poderia ser a fase mais bela da vida, se torne um emaranhado de dúvidas, mitos, riscos e confusões.

Na mesma concepção menciona Ramos (apud. BRASIL, 2001, p. 13):

Apesar do forte componente físico-corporal presente nas transformações próprias da adolescência, elas não são naturais ou decorrentes unicamente de um processo evolutivo orgânico. A vida adolescente e as necessidades em saúde relacionadas, são, antes de qualquer coisa, processos produzidos no âmbito das sociedades, definindo-se e modificando-se na interação com seus diversos componentes econômicos, institucionais, políticos-éticos, culturais, físico-ambientais.

Assim, nenhuma fase da vida provoca tantas mudanças como esta. Não é somente o corpo que passa a ter capacidade de reprodução, mas é um ser que sai de um estágio de dependência para a independência. Surge um cidadão responsável por seus pares, com capacidade de escolhas, trabalho e decisão (SUPLICY, 2005).

A autora reforça que entender e acolher os adolescentes passa a ser fundamental para a evolução e progresso da humanidade. Para melhor entender as transformações ocorridas com o adolescente nesse período de transição, fundamental se faz discorrer acerca delas (SUPLICY, 2005).

2.7 Desenvolvimento biopsicossocial da adolescência

O desenvolvimento biopsicossocial inicia com o nascimento, termina com a morte e se caracteriza pela capacidade do ser humano em adaptar-se progressivamente ao meio ambiente. É o conjunto de caracteres biológicos, psicológicos, sociais e culturais, que dá unidade ao fenômeno da adolescência (BRASIL, 2009).

A manifestação das características relacionadas aos adolescentes pode apresentar diferenças ao compararmos regiões geográficas, contextos sócio-culturais, influências religiosas, manifestações artísticas, podendo em algumas sociedades ocorrer a valorização da adolescência, e, em outras, passar quase despercebida (HEIDEMANN, 2006).

Na transformação de uma criança em adolescente, tanto ela deve se adaptar a esta nova situação, como também a família e a sociedade. Assim, é comum algumas sociedades realizarem a tradição de certos rituais de passagem em conjunto com os adultos, e, em outras, estes rituais acontecerem somente entre os adolescentes. Heidemann (2006, p. 13), nesse sentido, faz a seguinte colocação:

A adolescência se caracteriza por um período de grande vulnerabilidade física, psicológica e social. Corresponde à faixa etária de assunção de características complexas para o desenvolvimento pleno do ser humano.

Devido a esta vulnerabilidade, observamos o desenvolvimento do que chamamos de “Síndrome da Adolescência Normal”, descrita nas Normas de Atenção à Saúde Integral do Adolescente (BRASIL, 2009) sintetizada como: tendência em situar-se em grupos em detrimento dos pais; necessidade de intelectualizar-se; vivenciar crises religiosas, deslocamento temporal, como deixar os estudos para trás em benefício do entretenimento; evolução sexual como tendências auto-eróticas; atitude social reivindicatória como querer modificar a sociedade; separação progressiva dos pais, flutuações de humor e de estados de ânimo.

Observa Suplicy (2005) que quando o adolescente conseguir uma formação total de sua personalidade, este terá uma interação social com os diversos problemas que irá aparecer no seu dia-a-dia, conseguindo uma adequação com os fazeres de sua vida social. Partindo desta “síndrome”, pode-se observar que o esperado desenvolvimento biopsicossocial estará completo quando o adolescente realizar as transformações físicas, psicológicas, filosóficas, sociais e espirituais.

2.8 Transformações físicas na adolescência

O início da adolescência (11 a 14 anos) é marcado por uma série de transformações físicas, chamadas de puberdade, período em que tem início o amadurecimento sexual biopsicossocial. O adolescente muda aos poucos o seu modo de ser, num movimento ‘de dentro para fora’, em busca de independência e autonomia. Adora e precisa ficar sozinho em casa e estar entre outros da mesma idade (TIBA, 2006, p. 42).

O autor preleciona que a palavra puberdade vem do latim (púbis), que significa “pêlo”, e é considerado um componente da adolescência. Embora tenha uma margem de variação estabelecida geneticamente, tem início e fim estabelecidos (TIBA, 2007).

As transformações biológicas corporais da adolescência, ou seja, a puberdade são decorrentes da ação hormonal do eixo neuro-hipofisário, e envolvem todos os órgãos e estruturas do corpo, sendo as principais o estirão de crescimento, o desenvolvimento das gônadas, o surgimento dos caracteres sexuais secundários, mudanças na composição corporal e desenvolvimento respiratório e circulatório (BRASIL, 2009).

Em consequência do desenvolvimento das gônadas, começam a circular os hormônios sexuais. No adolescente a testosterona e na adolescente, o estrogênio e a progesterona. As características sexuais secundárias incluem no adolescente a produção de espermatozóides, nascimento de pêlos pelo corpo, aumento do pênis e testículos, mudança de voz, barba e aumento da massa muscular. Na adolescente, nascimento de pêlos, aumento das mamas, menstruação e distribuição do tecido gorduroso subcutâneo (TIBA, 2007).

Para reforçar a colocação de Tiba (2007), Chipkevitch (2005, p. 79) faz a seguinte menção:

Uma das características importantes desse processo é magnitude e a rapidez das transformações que a caracterizam. Durante um período de 3 a 5 anos surgem e desenvolvem-se os caracteres sexuais secundários, culminando com a aquisição da capacidade reprodutora, quando ocorre intenso estirão do crescimento, durante o qual são ganhos cerca de 50% do peso e 20% da estrutura definitiva.

Esse crescimento físico com suas transformações representa uma grande perda. Apesar de todos quererem ser adultos, deixar de ser criança não é fácil: as meninas desejam serem belas, femininas, com a pele e cabelos iguais às modelos. Os garotos querem ser fortes, bonitos, voz grossa. Mas, como se sentir bonito (a) se a pele apresenta acne? O cabelo é crespo ou liso demais? A voz que está em processo de mudança, desafina? O corpo cresce de forma desproporcional? (TIBA, 2007)

Neste sentido, CANO et. al. (2008) comenta que o adolescente encontra uma grande dificuldade frente às alterações que ocorrem em seu corpo. Assim, sente-se, muitas vezes, como se o seu corpo não lhe pertencesse, uma vez que são frequentes alguns sentimentos de estranheza. Todavia, não se trata apenas da imagem do físico, mas de todos os aspectos inerentes a si mesmo que passa a ter relevância na adolescência. Desta forma, percebe-se que a imagem do corpo e a identidade estão intrinsecamente associados.

Embora, este conflito físico faça com que, muitos sonhem em dormirem crianças e acordarem adultos, ou até mesmo apresentarem vergonha do próprio corpo; traz a consciência de que estão começando a ocupar um lugar na sociedade, chamam a atenção dos adultos e de outros adolescentes, sentem-se

notados, e ainda que possam ser motivos de chacota, percebem que podem ser sensuais (TIBA, 2007).

Ao referir-se à anorexia, Ribeiro (2010, p. 146), diz que “a doença psiquiátrica que mais mata no mundo chegou à infância”. Salienta, ainda, que:

[...] Pré-adolescentes precisam acumular peso. É um momento da vida em que os ossos alongam, o cérebro ganha massa, o coração bombeia mais forte para alimentar os estirões. Quando param de consumir calorias, seus corpos passam a economizar energia. O coração desacelera. A pressão arterial cai. As crianças têm dificuldades em se manter quentes. O cérebro, em parte começa atrofiar. Há queda de cabelo e perda de massa óssea (a chamada osteopenia, um estágio anterior a osteoporose). “Estamos falando de um prédio em construção atingido por um tsunami”, diz a psiquiatra Vanessa Pinzon, atual coordenadora do Protad.

Nesta fase os caracteres sexuais secundários vão introduzindo o adolescente no exercício de sua vida sexual. Partindo da erotização de seu próprio corpo, se preparam para iniciar sua vida sexual (TIBA, 2007).

O cérebro do adolescente também se transforma. Milhões de conexões sinápticas se fazem e desfazem. Segundo Heidmann (2006), há um espessamento da massa cinzenta cerebral chamada de “superprodução” ou “exuberância”, deixando o cérebro do adolescente apto a novas informações e com possibilidade de desenvolver novas habilidades.

De acordo com Biddulph (2004, p.) “antes de crescerem e tornarem-se sexualmente ativos, é fundamental que os jovens tenham muito afeto, apoio positivo e informação prática”.

O córtex cerebral também se desenvolve e com ele os lobos parietais ligados ao raciocínio lógico e espacial, e também as áreas referentes à linguagem. Assim:

Diante dessas modificações cerebrais e a formação de inúmeras sinapses nervosas, podemos deduzir que a exposição ao álcool e às drogas, a prática de vídeo-games violentos, filmes violentos, radicalismos religiosos podem comprometer, de alguma forma, o desenvolvimento cerebral adolescente (HEIDMANN, 2006, p. 53).

Assim, deduz-se que as experiências alteram a estrutura e anatomia do cérebro. Dependendo do ambiente e vivências, o adolescente pode alterar seu

comportamento devido às exigências necessárias. Também, há uma desorganização nos neurotransmissores, entre eles a dopamina, responsável pela sensação de prazer e bem-estar envolvido com o circuito do prazer e recompensa do cérebro. Este desequilíbrio pode ser responsável pela necessidade do adolescente correr riscos e testar seus limites, podendo até mesmo despertar a curiosidade para o álcool e outras drogas (TIBA, 2005).

Diante destas transformações incisivas, Suplicy (2005) e Gauderer (2006) colocam que, o adolescente necessita ser orientado, recebendo informações acerca das modificações físicas e sexuais, de forma clara e imparcial, acrescentando-se ainda aspectos não-moralistas e não-religiosos, porém apoiados na realidade, a fim de que se torne o agente regulador de sua condição física e sexual.

A aprendizagem sexual inclui duas partes: os detalhes físicos do ato do amor e as questões muito maiores acerca de atitudes e valores. Os aspectos práticos do sexo devem ser abordados em conversas e explicações dos primeiros anos de vida da criança. Mas a informação realmente poderosa sobre sexo é atitude. Atitude tem de vir dos pais e da comunidade adulta. Se você não falar sobre sexo e sobre certo e errado, os jovens vão copiar os valores dos colegas e os que são mostrados na televisão (BIDDULPH, 2004, p.113).

2.9 Transformações psicológicas na adolescência

As mudanças físicas são geralmente mais perceptíveis que as emocionais, pois estas são mais complexas. Emocionalmente os adolescentes podem ser imprevisíveis, devido às mudanças físicas, hormonais e neuronais, pode-se alternar drasticamente de um extremo de humor ao outro (TIBA, 2005).

No campo emocional se verifica a construção da própria identidade, onde, através da experiência social o adolescente avalia seu movimento interno adaptando-se progressivamente ao mundo externo. A adolescência inaugura uma nova ótica em relação a si mesmo e ao mundo. O exercício de novos papéis sociais faz com que este ser em desenvolvimento passe por três principais turnos, como a perda do corpo infantil, a perda dos pais da infância; e, a perda da identidade infantil (CARR-GREG, 2006); (BRASIL, 2009).

Para a realização destes turnos, o isolamento passa a ser natural e necessário, pois, em contato consigo mesmo ele se projeta em relação ao exercício dos papéis a serem exercidos futuramente. Os adolescentes querem crescer, mas as transformações são demoradas. A perda do corpo e da identidade infantil, bem como a nova visão que se tem dos pais, traz tristeza e medo. O que muitas vezes são identificados pelos adultos como raiva ou mau humor são simplesmente reflexos desses sentimentos (CARR-GREG, 2006).

O reconhecimento de que os pais não têm todas as respostas e cometem erros e o aparecimento da genitalidade, faz com que o adolescente se afaste progressivamente de seus pais. Ao final da adolescência há um retorno harmônico de convivência, porque sua identidade estará formada (CARR-GREG, 2006).

É de se ressaltar a colocação de Suplicy (2005, p. 56) quanto ao parágrafo anterior:

É nesse período que o adolescente passa a questionar a sua identidade e o seu papel na sociedade, não consegue definir se é uma criança ou um adulto, bem como questiona o próprio futuro e sua potencialidade de ser alguém, como um constituidor de família e de um papel social. Em função desses questionamentos, eles preocupam-se com a concepção daqueles que estão ao seu redor e cotejam com a visão que têm de si. Às vezes, diante da impossibilidade de corresponder às expectativas, muitas vezes frustram-se, resultando em significativo abalo emocional.

A turbulência emocional desse período faz com que o adolescente se sinta no meio do caminho. O que era seguro e tranquilo na infância se perdeu. A expectativa do futuro traz ansiedade. Achar-se feio, esquisito ou diferente, leva-o muitas vezes a sentir-se “anormal” (HEIDEMANN, 2006).

Reforça ainda o autor que o desenvolvimento hormonal e neuroquímico se tornam responsáveis pelas constantes flutuações de humor e estado de ânimo, ficando evidentes as oscilações de tristeza e alegria.

Enfatiza Suplicy (2005) que essa condição deve ser compreendida por aqueles que estão junto ao adolescente, não interpretar como uma forma de rebeldia ou ainda de sublevação à ordem estabelecida, seja no âmbito familiar ou escolar, é preciso levar as informações a ele de modo que o mesmo possa assimilar as transformações que ocorrem nessa fase.

2.10 Transformações filosóficas

A partir da puberdade o adolescente começa a pensar de forma abstrata. Há uma alteração química provocada por milhões de conexões sinápticas que inundam o cérebro, surgindo novas possibilidades de pensamento, sentimentos, memória e coordenação de movimentos (HEIDEMANN, 2006).

A área responsável pela maior parte das transformações do cérebro na adolescência, é o córtex pré-frontal. Fica a cargo dessa área, o controle das emoções, senso de responsabilidade e o planejamento a longo prazo. Este desenvolvimento pode ocorrer até os 20-25 anos (TIBA, 2007).

Devido às transformações na estrutura cerebral, surgem novos questionamentos existenciais. A dificuldade do adolescente é a mesma dos pais. Da mesma maneira que o adolescente não sabe situar-se no tempo como criança ou adulto, os pais também, por vezes, cobram determinadas atitudes, aumentando o conflito entre gerações (SUPLICY, 2005); (KNOBEL, 2002).

Complementando a colocação anterior, Knobel (2002) destaca que, muitas outras são as questões que surgem, como a profissão a escolher, a futura formação familiar ou não, e projetos para o futuro.

De acordo com o posicionamento do autor, no campo filosófico se processam e se avaliam os limites atingidos. O currículo escolar, os meios de comunicação, a troca de experiências com os amigos, inaugura uma nova ótica de mundo. Há uma necessidade de intelectualizar, fantasiar, criar hipóteses e apresentar soluções. Vai elaborando o luto da identidade infantil. (KNOBEL, 2002)

Reivindica direitos, contradiz normas, se sente útil em projetos sociais. Porém, apresenta inconstâncias, abandono de interesses, desloca-se com facilidade do tempo e das necessidades, ou seja, “eu preciso agora”, ou “depois eu faço”, são expressões muito utilizadas. A conotação de tempo muda, descobre-se mortal. Em alguns momentos se sente criança, em outro adulto, avalia como está sendo recepcionado pelos adultos (HEIDEMANN, 2006, p. 26).

Assim, pode-se inferir que esta busca é a busca de si mesmo. É a procura de respostas existenciais porque esta se preparando para entrar na adultez. Para que isto ocorra tem que elaborar sua identidade e sua forma de interpretar o mundo, desta vez não poderá ser de maneira infantil como vinha fazendo.

Trata-se de um período extremamente importante para a formação da identidade sexual, em que o adolescente sedimenta a sua hetero ou homossexualidade. Nesta fase, poderá experimentar vários parceiros para auto-afirmar a sua identidade sexual. Assim, tem que ser orientado para as suas vivências afetivas e sexuais, pois, em face da sua curiosidade, tudo quer experimentar, o que poderá leva-lo a muitas experiências sem o menor cuidado consigo mesmo. Como exemplos, está a não utilização de camisinha, ocasionando a gravidez ou a contração de doenças infecto-contagiosas (SUPLICY, 2005).

Concluem, Knobel e Aberastury (apud HEIDEMANN, 2006, p. 23), que “[...] a família é o elemento sociocultural mais importante na relação com o adolescente”. Assim, mesmo o adolescente vivenciando o luto dos pais da infância, vemos que a família é o principal refúgio do mesmo. A busca de figuras de identificação fora do âmbito familiar, o que pode ser conflitante para os pais que podem se sentir abandonados é extremamente positivo, porque são atitudes necessárias no processo de socialização, da mesma forma que os conflitos com os pais ou adultos que representam autoridade, faz com que este “ser” em processo de adaptação a novos papéis sociais, se encontre com outros em idade e situações parecidas. Assim, é comum observar verdadeiras “tribos” adolescentes.

Na dificuldade em definir-se como criança ou como adulto, o adolescente se encontra fazendo parte de um grupo. Desconstrói sua identidade infantil, exercendo identidades transitórias, ocasionais ou circunstanciais para formar sua própria identidade. Alguns adultos chegam a ficar em pânico com certos modismos e comportamentos como: forma de se vestir, tatuagens, cabelos, body piercing, músicas, relacionamentos passageiros (os adolescentes “ficam”), apelidos, nomes dos grupos (adolescentes se sentem seguros andando em grandes grupos) Knobel e Aberastury (apud HEIDEMANN, 2006).

A organização dos grupos se dá por afinidade, representando até mesmo uma ideologia própria. O esporte, a música, a moda, a linguagem, manifestações culturais ou sociais, fazem com que se encontrem, e, assim, adotam símbolos ou padrões de comportamento parecidos. Pertencer a um grupo é saudável, o que, ao contrário, é preocupante. Na adolescência, através dos grupos, se descobrem verdadeiras amizades que poderão durar por toda a vida (HEIDEMANN, 2006, p. 33).

A preocupação com a vida é a mesma que com a morte. Todos os povos, primitivos ou não, tem suas crenças divinas (CHAUÍ, 2006). A espiritualidade é inerente ao ser humano. O desenvolvimento maduro nesta área é de extrema importância. É muito comum observarmos adolescentes que vivem uma verdadeira crise religiosa. Podem num momento apresentar fanatismo e num outro, total ateísmo.

Alguns podem alternar fases ritualísticas com fases questionadoras e contestadoras. Na adolescência vemos manifestações místicas das mais variadas. Muitas vezes contestam a religião em que foram criados, outras vezes descobrem rituais primitivos, crenças de povos distantes, ou formas de prever o futuro (SUPLICY, 2005); (KNOBEL, 2002).

Na busca espiritual experimenta dúvida, segurança, fé, descrença, sentimentos muitas vezes incertos, e sentimentos positivos. O desenvolvimento espiritual ajuda o adolescente a descobrir disciplina, ética e moral. Através do conhecimento sobre o desenvolvimento biopsicossocial da adolescência entendemos a complexidade desta fase, e passamos a compreender melhor o processo de desenvolvimento humano (AQUINO, 2006).

2.11 Papel da escola na orientação do adolescente

Além da família, a escola exerce um papel muito importante. A escola é considerada o espaço social mais apropriado ao desenvolvimento de ações de educação em saúde para adolescentes, pois além de oferecer informações precisas e adequadas também podem possibilitar questionamentos e discussões, estabelecendo juízos de valores, necessários ao desenvolvimento de adolescentes (BRENNEISEN, SERAPIÃO apud DRUCKER, 2006).

Apesar do progresso dos últimos anos, a saúde, o desenvolvimento integral e, em certas ocasiões, até a própria vida de muitos adolescentes e jovens do Continente encontram-se seriamente ameaçados (WEREBE, 2005); nesse sentido um trabalho de intervenção amplo, no sentido de orientar os adolescentes em sua conduta é de crucial relevância, principalmente ao que se refere à Orientação Sexual.

O trabalho de Orientação Sexual visa propiciar aos adolescentes a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável. Seu desenvolvimento deve oferecer critérios para o discernimento de comportamentos ligados à sexualidade que demandam privacidade e intimidade, assim como reconhecimento das manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas na escola (WEREBE, 2005).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2010), “a educação sexual integral deve iniciar-se em épocas precoces da vida, deve ser adequada para a idade e o grau de desenvolvimento e deve promover uma atitude preventiva perante a sexualidade”. A OMS (2010) recomenda ainda a promoção da educação sexual na escola, afirmando que “a educação sexual integral na escola atua como um dos componentes essenciais à construção da saúde sexual ao longo do ciclo vital e, por isso, exige atenção especial”.

Desta forma, cumpre salientar que a função pedagógica é norteadora. Faz com que o educando, através de informações corretas possa ampliar a capacidade de reflexão, avaliação, compreensão, possibilitando um posicionamento próprio com relação ao exercício da sexualidade, através da ética, considerando os seus direitos e deveres de cidadania e percebendo-se como sujeito da própria vida, sem se deixar ser explorado ou abordado com práticas coercitivas (WEREBE, 2005).

Assim sendo, conforme relatam Werebe (2005) e Gomes et al. (2009), o papel da escola na formação e informação de crianças, adolescentes e jovens, tem sido reconhecido como importante pólo integrador e organizador da comunidade, responsável pela socialização de crianças e adolescentes, sendo apontada como o local mais adequado de preparação dos jovens para a vida em sociedade. Neste contexto, os professores têm sido identificados como elementos envolvidos na construção do conhecimento coletivo, sendo formadores de opinião, os quais atuam como modelos de identificação para esses jovens, transmitindo-lhes noções de responsabilidade, prática de inserção social e conceitos éticos de convívio social, complementando a educação familiar e os demais aspectos de preparação dos jovens para a vida adulta.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a de um projeto de intervenção no ambiente escolar.

3.1 Local da intervenção

Este trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Professora Ana Montanha Cezar. O público da referida instituição se caracteriza da seguinte forma: Ensino de Educação Infantil com faixa etária de 5 a 6 anos; Educação Fundamental nas séries iniciais com faixa etária de 6 a 14 anos; Educação Especial: alunos com Deficiência Auditiva (DA) e Deficiência Mental (DM), estendendo-se a Sala de Recursos para aqueles que dela necessitam.

A Escola se encontra localizada na Rua Benjamim Constant, nº 1604, Centro, Siqueira Campos, Paraná. Tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal. Sendo a Escola mais antiga da cidade, foi inaugurada em 25 de dezembro de 1927.

O ato de renovação do reconhecimento da Escola se consubstancia pela Resolução nº 4.383, de 09/10/2006. Conta, em 2010, com 21 turmas, distribuídas em 14 salas de aula – sendo 2 salas de Educação Infantil, 4 turmas de 1ª série, 4 turmas de 2ª série, 3 turmas de 3ª série, 4 turmas de 4ª série, 1 turma de Classe Especial DM, 1 turma de Classe Especial DA e 2 turmas de Sala de Recursos, somando um total de 420 alunos.

O quadro de professores perfaz um nº. de 28. A equipe técnica pedagógica é formada por 4 professores, sendo uma pedagoga e uma diretora geral. No setor administrativo e serviços gerais conta-se com 8 funcionários.

Os alunos desta Escola são de nível cultural médio. São alunos provenientes do centro, periferia e bairros próximos ao município. O nível sócio-econômico das famílias dos alunos é de média e baixa renda. A faixa etária é de 5 a 12 anos.

3.2 Sujeitos da intervenção

O trabalho foi realizado com 27 alunos da 4ª série do Ensino Fundamental, do período vespertino, na faixa etária entre 9 e 10 anos, sendo 14 do

sexo masculino e 13 do sexo feminino. A maioria de religião católica, sendo alunos da zona urbana e rural. Concernente à situação econômica familiar, gira em torno de 1 a 2 salários mínimos. Um aluno é muito carente, dependendo de cesta básica, roupas e de todo o auxílio que possa alcançar – este mora com a avó.

3.3 Trajetória da intervenção

O projeto de intervenção foi aplicado em forma de aula, no período correspondente à disciplina de ciências. As aulas foram ministradas nos primeiros horários, especificamente nas quintas-feiras, substituindo a disciplina de ciências, no período de quatro semanas durante o mês de outubro. É relevante mencionar que o professor da série trabalhada permaneceu em sala de aula, auxiliando nas atividades propostas.

As estratégias de intervenção aplicadas foram:

- a) aula expositiva, com uso de cartazes e vídeo relacionado à sexualidade infantil;
- b) textos fotocopiados, caixa de perguntas, a fim de sanar as dúvidas quanto às palestras dadas;
- c) música relativa à auto estima;
- d) encenação teatral com fantoches.

O uso das estratégias mencionadas objetivou conduzir o aluno a um maior auto-conhecimento de si próprio e de seus limites para melhor enfrentamento desta fase delicada e difícil que é o adolescer.

Para o primeiro momento foi apresentada aos alunos uma caixa tampada com um espelho dentro. Cada aluno deveria destampá-la e não contar aos colegas nada do que viu. A palestra gerou-se em torno do início da puberdade na vida de todos. Foi lido um pequeno trecho de Coríntios 12.13 para a compreensão dos alunos de que tudo o que vem de Deus não deve ser visto com malícia. Assim, a sexualidade deverá ser encarada com muita seriedade e responsabilidade.

No segundo momento, por sua vez, foi exibido um vídeo específico que explicava todo o processo do corpo quanto à reprodução da espécie humana. O objetivo deste vídeo era esclarecer de maneira fácil e leve a introdução da vida. A

caixa mencionada no momento anterior foi utilizada outra vez, de modo que o aluno colocasse as suas dúvidas, por meio de perguntas escritas.

Já no terceiro momento os alunos ouviram uma música do disco “Canção de todas as crianças”, enquanto era lida a Declaração Universal dos Direitos da Criança, num banner. A aula foi desenvolvida sobre “sexualidade – direito e cidadania, abusos”, tendo como objetivo a prevenção contra estupros, pedofilia, etc.

É sobretudo importante ressaltar que para a efetivação dos momentos mencionados foram realizadas diversas reuniões com toda a equipe pedagógica da Secretaria da Educação, devido à polêmica que envolve o tema em questão, exigindo com isso uma abordagem cuidadosa.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 Primeiro momento

Ao iniciar a intervenção junto à 4ª série, foi realizada uma apresentação do condutor das atividades. Em seguida, explanou-se sobre como seriam ministradas as aulas de promoção da saúde na adolescência em seus aspectos físicos e mental. Deixou-se evidente que todos os alunos teriam total liberdade de questionarem tudo o que fosse necessário acerca do tema. Para isso, foi disponibilizada uma caixa onde seriam colocadas as dúvidas, que seriam lidas e respondidas na medida do possível.

A primeira atividade realizada referiu-se à caixa com o espelho, na qual os alunos ficaram surpresos. A atividade consistiu, conforme mencionado, em o aluno expor o que via no espelho. A posição da maior parte dos alunos foi a de se acharem “feios” e “desajeitados”. O pressuposto foi justamente trabalhar esta fase de transição tão estressante, frustrante e complicada na vida do adolescente. A esse respeito, ressalta Suplicy (2005, p. 115):

A fase de transição para a adolescência é complexa, pois evidenciam-se dilemas de personalidades, que vão refletir tanto no aspecto físico e psicológico. Os indivíduos passam a questionar o seu aspecto físico, devido ao fato de estarem em um período de transformações, pensam que estão fora do paradigma da normalidade.

Conclui-se, desta forma, que se tratou de uma atividade muito positiva. Na medida em que o tema desenvolveu-se, a impressão que se teve foi a de que os alunos recebiam as informações com muito alívio. Consequentemente, em tese, os dilemas e conflitos foram sendo mitigados ao que se refere à impressão de suas aparências, uma vez que as dúvidas apresentadas sanavam-se uma a uma, de modo que percebessem que não se tratava de um problema exclusivo de um adolescente, mas, sim, de todos eles, bem como que tal conjuntura se tratava de uma fase do curso de suas vidas.

Ao que se refere à segunda atividade, a leitura do fragmento da Bíblia (Coríntios, 12:13), objetivou que os alunos compreendessem o contexto da mensagem, no sentido de que tudo o que vem de Deus não pode ser considerado

com malícia, principalmente ao que se refere à sexualidade, uma vez que ela se trata de algo inerente ao ser humano e ao seu processo de desenvolvimento, e que deve ser tratada, portanto, com seriedade e responsabilidade.

4.2 Segundo momento

Em relação ao segundo momento, cuja proposta era a apresentação do vídeo que explica todo o processo do corpo quanto à reprodução da espécie humana, cujo título é “The joy of the life”, “O jogo da vida”, de Jacques Remy Girerd, em que o contexto se resume em uma personagem principal, a Vovó, que explica todas as funções do corpo humano, no que se refere à reprodução da espécie, através da natureza. A personagem desenvolve esta ação por meio de histórias infantis, de forma lúdica, utilizando diversos animais como abelhas, ursos, entre outros, abordando desde a fecundação, nascimento, infância, puberdade e formas de parto.

Szundi (2005) menciona que quando situações lúdicas são criadas intencionalmente pelo professor ou por aqueles que estão à frente do evento, no sentido de estimular a aprendizagem, refletem uma dimensão educativa; dessa forma, o responsável contribui para o aprimoramento da qualidade do processo ensino/aprendizagem, assistindo a ele desenvolver novas ações pedagógicas que vão permitir aos indivíduos um aprendizado melhor.

Os alunos foram muito receptivos à apresentação do vídeo, que durou cerca de uma hora. Diante disso, foi necessária a divisão desse momento em duas conjunturas, de modo a responder aos questionamentos dos alunos. Para um maior enriquecimento, utilizaram-se cartazes mais detalhados, a fim de esclarecer o tema abordado.

Constatou-se, assim, que os alunos estavam desinformados quanto à sexualidade, vista por eles como um tabu.

4.3 Terceiro momento

No terceiro e último momento, foi executada a cantiga “Canção de todas as crianças” e lida a Declaração Universal dos Direitos da Criança, exposta em

um banner. Foram sendo abordados, ainda, temas envolvendo a sexualidade, direito, cidadania e abusos, destacando situações como pedofilia, estupros, entre outros.

Utilizou-se a dinâmica lúdica, através do teatro de fantoches, a fim de proporcionar um ambiente descontraído, por se tratar de um tema delicado.

Os alunos foram receptivos a esta dinâmica, uma vez que aplaudiram-na em pé. Um deles timidamente começou a contar sobre a sua experiência na sala de bate-papo. Seguindo-se a ele, todos aqueles que tinham internet em casa, passaram a se abrir, inclusive um que, chamou a atenção, por relatar que certa vez, em uma destas salas, uma determinada pessoa o ameaçou com a seguinte expressão: “eu te pego piá”.

Diante dessa conjuntura, uma vez que não cabe à escola a proibição de acesso a esses espaços, os alunos foram orientados a não se identificarem para desconhecidos na internet.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança, em sua solitude, não é capaz de pensar que a maioria que se encontra em sua faixa etária passa pelos mesmos problemas, adversidades e revezes. Comprovou-se, desta forma, que o assunto “sexualidade”, mesmo contemporaneamente, com a incisiva informação que é veiculada todos os dias, pelos mais diversos meios de comunicação, permanece ainda um tabu.

As aulas ministradas apresentaram resultados verdadeiramente positivos, auxiliando os alunos a atravessarem, com maior segurança, a fase de criança para a fase adulta.

Na medida em que os temas foram sendo desenvolvidos, observou-se que os alunos interagiam plenamente, com interesse e receptividade. As dúvidas por eles levantadas eram esclarecidas de forma imediata, levando-os a compreender que não estão sozinhos nessa fase de suas vidas, em que dilemas e conflitos pessoais emergem.

Não obstante a polêmica que os envolve, foram abordados assuntos como a pedofilia, o estupro, o bullying, a anorexia nervosa e a bulimia, porquanto em anos de prática escolar, situações caóticas foram comprovadas, com crianças acuadas, amedrontadas e sem defesa.

Ao esclarecer aos alunos que as crianças e os adolescentes são amparados por lei, de tal modo que é proibido que sejam alvos de humilhação ou qualquer tipo de violência física ou verbal, exploração, crueldade ou agressão – na família ou fora dela – denotou-se uma tranquilidade por parte dos mesmos, ao tomarem conhecimento dessa lei que os protege. Sabe-se que muitos alunos são vítimas de diversos tipos de violência dentro do próprio lar. Contudo, mesmo sendo ameaçada, ela sabe a quem recorrer, uma vez que foi orientada e sabe como se defender melhor, coloca-se em alerta.

O “ficar” dos jovens, banalizado, tem gerado muita frustração, fazendo do sexo uma mercadoria descartável. Devem, assim, serem orientados a resgatarem os seus valores e a sua auto estima – fundamentais no relacionamento com o outro.

A sociedade precisa se conscientizar da suma importância das aulas de sexualidade nas escolas. Concluiu-se, desta forma, que a Educação Sexual deve, inegavelmente, ser inserida no cotidiano escolar, e, uma vez embasada em

princípios éticos, possa oportunizar às crianças e aos adolescentes lidarem, sem frustrações, com as suas emoções e os seus sentimentos, como também com todas as dúvidas e anseios pessoais.

Observou-se que ao abrir-se para a Educação Sexual, a escola possibilita que os seus alunos tornem-se capazes de responder aos seus próprios questionamentos, bem como enfrentar as suas angústias sobre os assuntos inerentes à sexualidade humana, por se tratar de algo que se constrói e se aprende e faz parte da personalidade do ser humano. Uma criança que cresce saudável tem mais chance de tornar-se um adulto realizado e feliz.

REFERÊNCIAS

ABRIL, **Anuário Abril 2008**. São Paulo: Abril, 2009.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz. **Educar pela conquista e pela fé**. Lorena: Cléofas, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação**. Rio de Janeiro, dez, 2005.

BIDDULPH, Steve. **Criando Meninos**. Trad. Neuza Capelo. 2ª. ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2004.

BRASIL, Estatuto, Ministério da Educação. Assessoria de comunicação social. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Assessoria de Comunicação Social. MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de assistência à Saúde. SAS. **Normas de Atenção à Saúde Integral do Adolescente**. V. 1, Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. **Temas Transversais**. Assessoria de Comunicação – MEC: Brasília, 2008.

BRASIL, Projeto acolher. **Adolescer: compreender, atuar, acolher**. Ministério da Saúde: Brasília, 2001.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi. *et al.* **Auto-imagem na adolescência**. Rev. Eletr. Enf. [Internet] 2008. Disponível em:<<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3>>. Acessado em 19/02/2011.

CARR-GREG, Michael. **Criando adolescentes**. Trad. Márcia Cláudia Alves. 2ª. ed. rev. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

CHIPKEVITCH, E. **Puberdade e adolescência: aspectos biológicos, clínicos e psicossociais**. São Paulo: Rocca, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e norma familiar**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

CUNHA, Paulo Fernando Lapa da. **A longa história da repressão sexual**. Psicologia em Curso, Brasília, n.2, v.8, out./ dez. 2001.

DIAS, Sandra. **A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 19/02/2011.

DRUCKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 2006.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Ed. Londrina: Ed. UEL, 2000.

_____. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Ed. Londrina: Ed. UEL, 2008.

FURASTÉ, P.A. **Normas técnicas para o trabalho científico, que todo mundo pode saber, inclusive você: explicação das normas da ABNT**. 11. ed. Porto Alegre: s.n., 2002.

GAUDERER, Christian. **Sexo e sexualidade da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GIRERD, Jacques Remy. **The Joy of the Life"- Script dialogue and songs-**. The Multimedia-Group of Canada- with participation CNT- TV Escola-Alegria da vida, s/d.

GOMES, Sérgio; et al. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-raciais**. Livro de Conteúdo: Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

HEIDEMANN, Miriam. **Adolescência e saúde: uma visão preventiva para profissionais de saúde e educação**. Petrópolis: Vozes, 2006.

KNOBEL, Mário. **Adolescência Normal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. 6ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 2007.

NUNES, César e SILVA, Edna. **Sexualidade e Educação**: Elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. Pesquisa em educação: História, filosofia e temas transversais. Campinas: Autores Associados, 2009.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à Sociologia**. 20ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Programas infanto-adolescentes**. Disponível em <<http://www.oms.org.br/?unescoestatisticas>> Acesso em 23/09/2010.

RIBEIRO, Aline. Anorexia no recreio. **Rev. Época**. N. 640, 2010.

RIBEIRO, Paulo Renes Marçal. **Educação Sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia. **A escola e as diferenças sexuais**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.15, p.78-85, dez. 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SUPLICY, Marta. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia**. 5ª. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

_____ **Conversando sobre sexo**. 5ª. ed. São Paulo: Circulo do Livro, 2005.

_____ **De Mariazinha a Maria**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SZUNDY, P. T. C. **A Construção do Conhecimento do Jogo e Sobre o Jogo: ensino e aprendizagem de LE e formação reflexiva**. 2005. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Laboratório de Estudos da Linguagem. PUC, São Paulo.

TIBA, Içami. **Adolescentes: quem ama, educa!** São Paulo: Integrare Editora, 2006.

_____ **Sexo e adolescência.** 10ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

WEREBE, Maria José Garcia. **A educação sexual na Escola.** Lisboa: Moraes Editores, 2005.

_____ **Sexualidade, política, Educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.